

Universidade de Brasília
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Visuais

SAYURI FERREIRA KUDO

REDES DA ARTE/EDUCAÇÃO: A educação pela Cultura Visual

Brasília, 2013

SAYURI FERREIRA KUDO

**REDES DA ARTE/EDUCAÇÃO:
A educação pela Cultura Visual**

Orientação: Raquel Nava

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas/Licenciatura do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora Professora Mestre Raquel Nava

Brasília, 2013

Monografia de autoria de Sayuri Ferreira Kudo, intitulada “Redes da Arte/Educação: A educação pela Cultura Visual”, apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de licenciado em Artes Plásticas/Licenciatura da Universidade de Brasília, em 20 de dezembro de 2013, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Professora Ma. Raquel Nava
Orientadora - Instituto de Artes/ Universidade de Brasília

Professora Ma. Maria Del Rosário Tatiana Fernandez Mendez
Examinadora - Instituto de Artes/ Universidade de Brasília

Professora Ma. Rosana Andrea Costa de Castro
Examinadora - Instituto de Artes/ Universidade de Brasília

Brasília, 2013

À minha avó e mãe Takayo Kudo e aos meus padrinhos
Márcia Werneck e Noboshige Kudo.

Agradecimentos

Dedico e agradeço á minha avó Takayo Kudo, uma grande mulher, forte, guerreira, que me criou como filha, por brigar e rir comigo, falecida em 05 de julho de 2013, que deixa saudades... Dedico e agradeço aos meus padrinhos Márcia Werneck e Noboshige Kudo pela oportunidade, por investirem e acreditarem em mim, pelo carinho, por me apoiarem e serem como pais.

Agradeço a toda minha família, principalmente aos meus tios Yasumasa Kudo e Timakazu Kudo por serem como pais. À tia Shigemi Kudo por ser uma das minhas mães. À minha irmã Isumy Kudo pelo companheirismo, por ser amiga e família.

Um agradecimento caloroso ás professoras Anelise Weingartner, Rosana de Castro e minha orientadora Raquel Nava pelo conhecimento e apoio na minha jornada pela universidade.

Aos amigos: Amosis Calazans Naves, Danilo Rodrigues, Igor Neiva, Joice Carolina Rodrigues, Jordana Timotheo Machado, Laureane de Paiva Sutir, Lucas Ximenes Xavier, Marcella de Piemonte, Murilo Simas Ramos, Pâmella Otanásio, Patrícia Machado, Raiane Santana, Renato F. Familiar, Rafael Barros(Rafinha), Sara Soyaux, Sérgio Adriano e Sophia Egler pela amizade e carinho verdadeiros. À Abayomi Mandela pelas palavras de conhecimento e pelas referências.

À Érica Barros pela grande amizade, por seu carinho incondicional, pelas ligações e mensagens, por me apoiar sempre. À Valdinei Bezerra pela amizade e por tudo o que vivemos. A todos do 'Grupo da Pobrada' pela amizade, carinho e diversão. A todos do grupo Gravura em Foco pelo carinho e apoio. À toda equipe da Casa da Cultura da América Latina (CAL/DEX/UnB) pelo apoio e conhecimento. Aos novos amigos do Projeto SOMA e Villa-Lobos produções pelo imenso carinho.

Às mulheres, aos negros, aos GLBTTs. Às manifestações de 2013. Aos "vândalos". À diversidade. À liberdade. À Arte e aos artistas. Aos meus filmes e livros.

E finalmente ao Dorflex por acabar com minhas tensões musculares, ao RU por me alimentar, ao meu computador por não 'pifar' e as músicas de Bob Marley por me acalmar e motivar.

Sumário

Resumo.....	7
Introdução.....	8
Capítulo 1 – Um breve histórico.....	9
1.1 – Linguagem artística.....	10
Capítulo 2 – As formas de ver e perceber a Arte/Educação.....	12
Capítulo 3 – Experiências pessoais: um caminho pela arte e pela educação.....	16
3.1 – Arte/Fatos	20
3.2 – Projeto SOMA.....	22
3.3 – Demais reflexões	28
Conclusões.....	30
Referências Bibliográficas.....	31
Anexo	33

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo refletir sobre a aplicabilidade da Educação pela Cultura Visual. Por meio de oficinas de projetos como o Arte/Fatos da Universidade de Brasília e Projeto SOMA da Villa-Lobos Produções foram desenvolvidos trabalhos com objetivo de provocar no educando reflexões sobre as imagens recorrentes ligadas às temáticas cotidianas, tais como identidade e gênero. Um espaço foi aberto para possível troca de informação entre áreas de conhecimento, criando territórios e conexões em rede.

Palavras-chaves: Cultura Visual; interterritorialidade; educação; oficinas; conexões em rede.

Abstract

The present study aimed to reflect on the applicability of the Visual Culture Education. Through workshops, projects like Arte/Fatos of Universidade de Brasília and Projeto SOMA of Villa-Lobos Produções works with the aim of provoking reflections on educating the recurring images related to everyday themes such as identity and gender have been developed. A space was open for possible exchange of information between areas of knowledge, territories and creating network connections.

Keywords: Visual Culture; Interterritoriality, education, workshops, network connections.

Introdução

No presente trabalho busco refletir sobre algumas práticas em educação e de como elas podem ser inseridas no contexto de Educação pela Cultura Visual por meio de alguns exercícios propostos. Procuro ainda descrever a História da Arte/Educação e o desenvolvimento das Artes Plásticas/Visuais e suas correspondências com o conceito de “campo ampliado” proposto por Rosalind Krauss. A estrutura educacional é comparada às questões interdisciplinares e interterritoriais.

Relato minha jornada pela Arte/Educação, como minhas experiências pessoais foram influenciadas por esta estrutura e como cheguei ao tema sobre conexões educacionais. Esta pesquisa é uma forma de refletir sobre como as escolhas influenciam na maneira de perceber as próprias metodologias.

O Capítulo 1, intitulado “Um breve histórico”, perpassa a história da Arte/Educação no Brasil e sua estrutura de formação acadêmica e social. Reflete também sobre algumas questões da linguagem da Arte.

O Capítulo 2 refere-se a forma como a educação em arte no Brasil se estrutura e quais suas possibilidades, junto às mudanças históricas no campo das Artes Plásticas e Visuais, que influenciam a maneira de ver a educação e através do campo ampliado, da interterritorialidade, da Cultura Visual e das conexões em rede.

Já o Capítulo 3 descreve alguns projetos pessoais que me influenciaram a abordar a Educação em Cultura Visual, principalmente as temáticas de identidade e a reflexão sobre os resultados práticos e imagéticos que surgiram por meio dessas oficinas.

Capítulo 1

Um breve histórico

A Arte/Educação no Brasil, desde a sua institucionalização, com a Academia Imperial de Belas-Artes do Rio de Janeiro, por volta do século XIX, com a chegada da Família Real Portuguesa e Missão Artística Francesa, foi concebida com base em estruturas já definidas. Nestes termos, era estabelecida no Brasil uma visão acadêmica eurocêntrica que definia as normas e métodos educacionais, pois o ensino de arte era visto como ferramenta e a temática se restringia a retratos, temas históricos e paisagens, sendo a função do artista definida pela corte.

Em contrapartida, a mesma estrutura educacional que tinha a função de formação acadêmica também se ocupava em formar profissionais ligados às funções mais básicas. No Brasil foi criada, por volta de 1860, as chamadas Artes e Ofícios, que tinha objetivo específico de formação do artesão. Esse ensino estava ligado principalmente à mão-de-obra trabalhista, de serviços básicos em prol do social, portanto considerados inferiores na sua função, pois se tratava de trabalho manual e não intelectual. Nesta época, muitas destas funções eram executadas por escravos e pelas classes sociais mais baixas, portanto essas formações eram desvalorizadas pela origem social dos indivíduos que as executavam.

De acordo com Ana Mae Barbosa (2010), até a Abolição da Escravatura no Brasil, as Belas-Artes eram consideradas uma prenda, nutrindo-se de luxo e passatempos ociosos sendo limitadas as classes sociais mais ricas, como uma tentativa de igualar-se à arte europeia. Após a abolição houve mudanças sociais e econômicas significativas no que diz respeito às funções dos trabalhos manuais, principalmente aqueles ligados à indústria. Este tipo de mão-de-obra ganha espaço na economia do país e o ensino das Artes e Ofícios passa a ser mais valorizado. Desta forma, observa-se um crescente interesse na educação para formação social, era uma maneira de mobilização do país a favor do desenvolvimento e da indústria.

O ensino da arte, principalmente no ensino primário e secundário era entendido como desenho, uma linguagem aplicada a diversas áreas. Apesar das mudanças ao longo dos anos e a percepção da Arte se modificar, o ensino de arte nas escolas, visto como desenho, portanto, ainda com funções definidas dentro do contexto de formação social e a criação artística e estética restrita para a academia. O ensino do desenho também era visto como fundamental suporte para outras áreas

de conhecimento, como a Matemática, a Biologia, entre outros, pois era encarado como um dos elementos que compõem a aprendizagem, dando maior visibilidade às formas estudadas, e não como linguagem independente, destaca-se então, a valorização do ensino do Desenho Geométrico.

A arte como desenho e técnica ganhou força com a Ditadura Militar no Brasil (1964) restringindo a criação e as formas expressivas. Somente após a Constituição de 1988 que a educação veio a ser repensada. No ano de 1996 com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, várias mudanças ocorreram no sentido de estruturas mais objetivas e que valorizam mais a sensibilidade e a possibilidade de trabalhar vários territórios e áreas de conhecimento dentro do contexto artístico e educativo.

1.1 – Linguagem artística

As linguagens artísticas estão ligadas aos termos utilizados para descrevê-las. Belidson Dias (2011) determina algumas diferenciações para o ensino da Arte. As Belas-Artes estão ligadas à arte acadêmica, com o aparecimento das Academias de Arte nos séculos XVI até o auge em XVIII. Ligada à estética e a valorização do Belo, sendo diferenciada das Artes e Ofícios em função e hierarquia. Com as mudanças históricas e sociais, o aparecimento da indústria e a modernidade a utilização do termo se modifica, sendo adotada a nomenclatura Artes Plásticas, as quais se referem ao desenho, escultura e pintura.

Dias (2011) ainda afirma que as Artes Plásticas partem para novas concepções e modificações e, portanto, o termo se torna obsoleto devido as hibridizações e novas formas artísticas que surgem, sendo utilizado, desta forma, outro termo. As Artes Visuais é o termo mais correto no sentido que se liga aos novos meios tecnológicos de produção de imagens e abarca todos os territórios da visualidade, portanto, o termo preferido e mais utilizado para as instituições de ensino de Arte atualmente.

A independência de linguagem, a visualidade e os materiais para formação estética que estão sempre em transformação e relacionam-se a identidade do indivíduo. Para se construir uma relação sólida entre Arte e Educação é necessário introduzir questões do cotidiano que se correlacionam em diversos territórios, que

tem por objetivo focar, sem desconsiderar, as questões históricas e sociais que as envolvem. Neste processo de identificação local, cultural, econômica, política e social, os territórios tendem à hibridização das diversas linguagens descentralizando e ampliando as manifestações culturais, individuais e coletivas.

No campo artístico, no final da década de 50, houve desinteresse pelos recursos e materiais convencionais para a concretização do objeto artístico, destacando, desta forma, a criação de interdisciplinaridades entre vários domínios artísticos, além da experimentação de novos materiais. Também as definições de arte e artista, identidade e comunidade, revelaram mudanças significativas.

O desenho, por exemplo, se constitui como tradição acadêmica e se modifica como linguagem independente a partir das mudanças nas Artes Plásticas e Visuais no início do século passado. A arte como processo ganhou força principalmente com o advento das vanguardas europeias no fim do século XIX e início do século XX. O que desencadeou uma série de experimentações artísticas, principalmente na utilização dos materiais e uma nova forma de perceber a Arte, relacionando-a com novos conceitos e a introduzindo no cotidiano social.

Elias & Vasconcellos (2006) pontuam que o desenho contemporâneo é um espaço de estímulo à criatividade e à experimentação que aglutina e cruza procedimentos de outras realidades. Desta forma, pode se tornar ponto de partida para vários territórios da Arte e de novos conceitos, técnicas e propostas.

A Arte passou a se tornar um meio de ir ao encontro de questões sociais, de desenvolver novas técnicas, de hibridização e experimentação. Assim, os artistas, através do seu trabalho, refletiam sobre os problemas que os inquietavam, os movimentos sociais e seus direitos (feminismo, política, multiculturalismo). Destas práticas, as instituições de arte deixaram de ser definidas apenas em termos espaciais (galeria, museu, centros de arte) para serem enquadradas em práticas e redes coletivas independentes, assim como as linguagens da Arte passam a se libertar de técnicas e padronizações.

Capítulo 2

As formas de ver e perceber a Arte/Educação

O ensino de arte se modifica na forma de sua aplicabilidade e multiplicidade. Não cabe mais considerá-la como “aulas-recreio”, aulas de decoração para festividades escolares, desenho intuitivo-imaginativo, Desenho Técnico ou apenas História da Arte, ela se expande a muito mais que mero suporte e conquistou um espaço diferencial na educação.

A Arte/Educação pode pautar sua aplicabilidade nas mudanças ocorridas na própria História da Arte, se dinamizar no sentido que, concomitantemente, esteja ligada as hibridizações e modificações do processo e da utilização de materiais.

Rosalind Krauss (1984) identifica o campo ampliado dentro do pensamento acerca das obras escultóricas, identificando formas que se distanciam da definição clássica de escultura e se manifestam em diversas formas, principalmente na sua relação com a paisagem e a arquitetura. O campo ampliado, portanto, é gerado pela problematização do conjunto de oposições, trata-se de uma forma múltipla que permitiria o agenciamento de linguagens diversas. Não cabe mais falar de campo ampliado da escultura, mas sim campo ampliado da arte, pois o perfil do artista contemporâneo é múltiplo, assim como o perfil do arte/educador, que também pode ser artista.

Joseph Beuys é um artista pós-moderno que propõe em seus escritos, e na sua própria trajetória, uma forma de ampliar o conceito de arte, distanciando-se de preconceitos e utilizando-se de todas as possibilidades e diversidades de materiais disponíveis no universo cotidiano para a configuração de algumas de suas ideias. Isso se amplia no sentido de que o artista se torna múltiplo. Beuys tem como frase famosa “todo mundo é artista”, acreditando no poder criativo da humanidade, o que implicava na rejeição às fronteiras e hierarquias impostas pela sociedade. Relacionava arte e política, e por ser professor e idealista, tinha uma postura diante dos potenciais da Arte.

“Eu cheguei à conclusão que não há nenhum modo de fazer qualquer coisa pelo ser humano que não seja pela arte. E devido a isso é necessário um conceito educacional(...) meu conceito educacional refere-se ao fato de que todo ser humano é um ser criativo um ser livre.(...) Hoje é preciso considerar a nossa realidade social e como esta realidade tem reprimido a

maneira dos seres humanos, dos trabalhadores(...) todas essas coisas formam parte do meu conceito educacional o qual se refere também a um sentido político.” (BEUYS, citado por Borer, 2001)

Esta postura, portanto, se configura uma mudança, principalmente do próprio artista e/ou arte/educador de se posicionar diante das mudanças sociais e históricas. A história aponta mudanças significativas do papel do artista, que se modifica, no sentido em que, socialmente, passa a representar questões mais profundas, passa a se tornar um porta-voz, além de expressar através da Arte as questões individuais. O Pós-Modernismo resignificou questões e mudanças no perfil do artista e das linguagens da Arte, que já haviam a muito ocorrido na História da Arte. A Arte passa a se tornar um espaço diverso, assim como as linguagens artísticas e o seu papel social. Tais mudanças refletem no modo em que o educador de arte se propõe como artista e sua postura metodológica.

Para Krauss (1984) a inter-relação entre sujeito, obra e contexto conforma a textura do que chamamos de paisagem contemporânea, neste exemplo ela estrutura o termo pensando no conjunto arquitetura/escultura/paisagem, desta forma, ao considerar que essas relações de sujeito se conformem no ambiente escolar, a obra se defina pelo ensino da Arte e o contexto à contemporaneidade. Podemos relacionar essa “paisagem” à metodologia de ensino contemporâneo onde tais relações devem estar em equilíbrio.

A autora determina, ainda, os conceitos de experimentalismo e a externalidade que servem para caracterizar trabalhos que se encontram em um *entrelugar*, ou seja, espaços ainda não categorizados dentro do conceito, assim demonstrando essa diluição de fronteiras entre as linguagens da Arte. Os artistas se libertam de estilos definidos, não há um critério, a priori, técnico, categórico ou temporal, o critério cabe ao artista e/ou ao arte/educador.

Dias (2011) afirma que a Cultura Visual é uma área que, sobretudo, procura entender as relações e interferências que os sistemas culturais acarretam ao processo visual de identificação e entendimento do mundo e da realidade. Por essas razões, aproxima-se de outras áreas do conhecimento como, por exemplo, Estudos Culturais, Semiótica, História da Arte, Antropologia – focando em aspectos da cultura que se apóiam em temas e recursos diversos.

Desta forma, o campo ampliado nas Artes e a Cultura Visual na Educação, possibilitam novas formas multidisciplinares e dinamicidade ao ensino da arte em que é possível trabalhar aspectos culturais e valores estéticos, agregados à temática do cotidiano, que se referem às experiências pessoais e/ou coletivas e passam a se tornar mais íntimas, no sentido de proximidade. Portanto, ao refletir sobre a dissolução de fronteiras técnicas colocam-se em pauta algumas questões sobre a própria Arte, mas que, de certa forma, não se trata de algo estranho, pois na história os artistas estão sujeitos a mudanças e hibridizações, onde técnica e a utilização de materiais não convencionais podem construir uma nova forma de sensibilização.

Fernando Hernández (2005) em suas colocações sobre a Cultura Visual aponta os estudos da metáfora de Deleuze e Guattari sobre o rizoma, no sentido de comparação e possível diferenciação da Educação das Artes Visuais com a Educação da Cultura Visual. Neste sentido descreve o rizoma em sua extensão superficial ramificada, um sistema em que as partes estão interligadas como uma rede que cresce de forma contínua, em um complexo sistema, em baixo da terra.

Os estudos da Cultura Visual, em sua configuração rizomática, referem-se principalmente às áreas de conhecimentos e linguagens envolvidas no seu tipo de metodologia, que estão interligadas pela estrutura visual e principalmente pelos aspectos culturais, não necessariamente às formas de visualidade, mas se amplia aos artefatos visuais e às instituições de arte. Portanto, é um termo acadêmico que se associa aos estudos da cultura e do social, relacionando-se a várias áreas do conhecimento e pode ser facilmente interligado à chamada interterritorialidade.

A interterritorialidade, termo utilizada por Ana Mae Barbosa (2010), por sua vez, é um dos fatores que definem o estudo interdisciplinar como um dos pontos principais para a formação de uma nova metodologia de arte-educação, principalmente a globalização, que põe em pauta a diversidade cultural e as conexões em rede, cada vez mais são ampliadas as redes sociais e introduzidas ao cotidiano dos alunos, perpassando por diversos territórios artísticos, áreas de conhecimento e mídias.

A teoria da análise das redes é estudada pela Sociologia, pois trás em si proporções e estruturas que analisam os comportamentos humanos nas redes sociais, no entanto denotam características bastante distintas na sua estrutura,

concepção e formação. Duncan J. Watts (2009) analisou a teoria das redes sobre uma perspectiva em que a dinamicidade estaria comprometida pela estrutura centralizadora, levando-o a questionar suas aplicações sobre as conexões.

Watts (2009) concluiu que qualquer centralidade em redes pouco ou nada ensinaria sobre os resultados, pois o centro só emerge como consequência do evento em si, afirmação que tem enormes implicações sobre o conhecimento da teoria das redes. Tal afirmação também pode ser analisada sobre a ótica da educação, especificamente sobre a ótica da estrutura rizomática, proposta relacionada principalmente à Cultura Visual.

Barbosa (2010) pontua, ainda, sobre interdisciplinaridade e principalmente interterritorialidade para se compreender algumas questões metodológicas em sala de aula, são elas: Identificação da ideia dominante; Fatores psicológicos e Fatores epistemológicos. Os fatores interterritoriais que a autora propõe, estão intimamente ligados à questões de cunho social, muitas vezes, enfrentados dentro da escola como sendo temas recorrentes na estrutura e contemplação da Cultura Visual, fatores relacionados principalmente aos temas sociais, estruturais e históricos, os fatores psicológicos estão principalmente ligados à uma estrutura cognitiva e relacionados ao conhecimento e os fatores epistemológicos relacionados às áreas de conhecimento envolvidas.

Assim, historicamente, pode-se fundamentar a interdisciplinaridade como ideia de totalidade. Desta forma a interdisciplinaridade é uma resposta adequada e possível, mas não ideal para abarcar a diversidade cultural que rodeia a escola e a educação. A transdisciplinaridade seria uma resposta mais revolucionária de acordo com a autora, porém é ainda uma utopia. Barbosa (2010) pontua que a interterritorialidade do conhecimento é mais adequada para o contexto atual, pois nela está implícita a recusa da divisão do saber em disciplinas. A síntese cultural é mais ampla e abarca o mapeamento dos seus territórios. Desta forma, analisando e interconectando a Cultura Visual e a interterritorialidade, pode-se definir uma linha base no currículo de Arte/Educação com o perfil contemporâneo.

Capítulo 3

Experiências pessoais: um caminho pela arte e pela educação

Minha escolha pela licenciatura em Artes Plásticas/Visuais aconteceu de forma consciente, no sentido que, quando penso na docência como profissão, há uma linha de pensamento e métodos que se aprende com cada matéria, não apenas pelo seu conteúdo, mas também na postura do(a) professor(a), na sua didática em sala de aula e estratégias possíveis.

Como educadora, as questões sociais e individuais são vivenciadas, além de considerar, como bem coloca Beuys (2006) que todo mundo é artista, portanto, o estímulo à experimentações pode ocorrer de forma coletiva. Trata-se também de aprendizagem que se dá no ato de ensinar e aprender ao ensinar, do processo de construção de identidade e de cultura. Por essas razões, qualquer experiência que envolva educação, reflexões e experiências artísticas é importante como desenvolvimento pessoal e educacional.

Uma das experiências mais marcantes se iniciou no primeiro semestre na universidade como mediadora na exposição de cartazes “Brasil: o cinema em cartaz”, realizada pela Fundação Armando Álvares Penteado no Palácio do Itamaraty/Brasília no período entre outubro e novembro de 2009, não apenas por se tratar da primeira experiência em educação, mas a primeira sem qualquer orientação. Trata-se de uma exposição de cartazes do cinema brasileiro e se correlaciona com a função informativa e histórica do cartaz e da construção de uma visualidade.

Por se tratar de cartazes que é algo tão comercial, não nos damos conta de que também pode ser Arte e que pode-ser refletir como imagem através de análise e de pesquisa sobre as temáticas, questões sociais e históricas envolvidas na transmissão da imagem através deste meio. Trata-se do choque inicial, de estereótipos que são apreendidos através da mídia e de todos os meios que influenciam o consumo.


Portanto, os cartazes traziam muito mais que mostrar uma cronologia da construção do cinema e temáticas brasileiras, mas também a sua estética diante do cinema mundial, da literatura, visualidade, mercado de Arte, espaços museais e expositivos. Por dia iam aproximadamente 02 (duas) turmas de escolas de Brasília e

das Regiões Administrativas, o que proporcionava uma grande diversidade de público e opiniões.

Esta exposição mostrou mais que aspectos pré-estabelecidos, mais funções que a visualidade, a Arte e conhecimentos históricos podem proporcionar no crescimento individual em prol do coletivo. E como estas construções podem diversificar e estabelecer o diálogo com a contemporaneidade negada nas aulas de História da Arte e áreas afins.

Exemplos de cartazes da exposição:

Imagem 1.O Guarany, 1926, sem assinatura, cópia em offset, sendo o original em tipografia, 56X40cm

CINEMA  **A Paramount** apresenta a grandiosa produção Nacional que recebeu os mais francos elogios da Imprensa Carioca e Paulista.

GUARANY

Uma produção de grande espectáculo, filmada com cenários naturais, de uma beleza surpreendente.

O GUARANY
NO PAPEL DE PROTAGONISTA

MATIPA'

O Valoroso índio guarany, admirável pela beleza, pela força e pela inteligência.

Novella romantica de JOSE DE ALENCAR
Um film patrocinado pela Paramount
Directão de Vittorio Capellaro
Titulos de VASCO ARREU
interpretada por
Armanda MAZZA
no papel de CECY e
PERY por

MATIPA'

O Guarany, que inspirou a Carlos Gomes a opera que o consagrou, é o mais popular dos romances brasileiros. Apresentando esta produção, a PARAMOUNT PICTURES sente o inefável prazer de ter contribuído, na medida de suas forças, para o reerguimento da cinematographia nacional, prestando acima de tudo uma homenagem especial á grande Nação Brasileira

Esta monumental super-produção é o mais digno documento que prova a confiança de que a Paramount se acha possuída no futuro cinematographico do Brasil.

Nesta grandiosa produção nacional, perfeita nos seus mínimos detalhes, não se sabe o que mais apreciar: se a belleza da película ou a arte esculhida nelle, se a natureza das fotografias ou se o trabalho dos interpretes, que se revelam verdadeiros mestres. Em «O Guarany», além de grande numero de figurantes, apparecem indios autênticos que a custo de paciosos trabalhos, a grandura as varias scenas em que deveriam figurar. «Possida» por artistas brasileiros em ambiente brasileiro, é com um esboço acoustadamente regional. O GUARANY será uma das maiores glorias—senão a maior, e um marco de ouro mais na já brilhante trajetória da cinematographia brasileira.

12 PARTES

desenrolando ante os nossos olhos a bravura indomavel das nossas selvas e a doçura infinita dos amores de Cecy e Pery.

(Tactio de Souza)
Um autentico Indio-Guarany que nos vence de admiração e de surpresa pelos seus traços de Belleza, de Intelligencia, de Agilidade, de Força e de Coragem!

CHAMAMOS a attenção do publico para os lindos scenarios naturaes da provincia estado do GUARANY, de José de Alencar, cujas scenas foram filmadas em Cococello de Iumbalao, em Itaipu, no Parque Jabucira de propriedade do Sr. Antonio Castarella, na represa de Santo Amaro e finalmente em Bananal, no aldeamento dos Indios Guarany.

copacabana filmes apresenta **deus e o diabo**

na terra do sol
um filme de glauber rocha

yoná magalhães
gerald d'el rey
othon bastos
mauricio do valle

produção: luiz augusto mendes

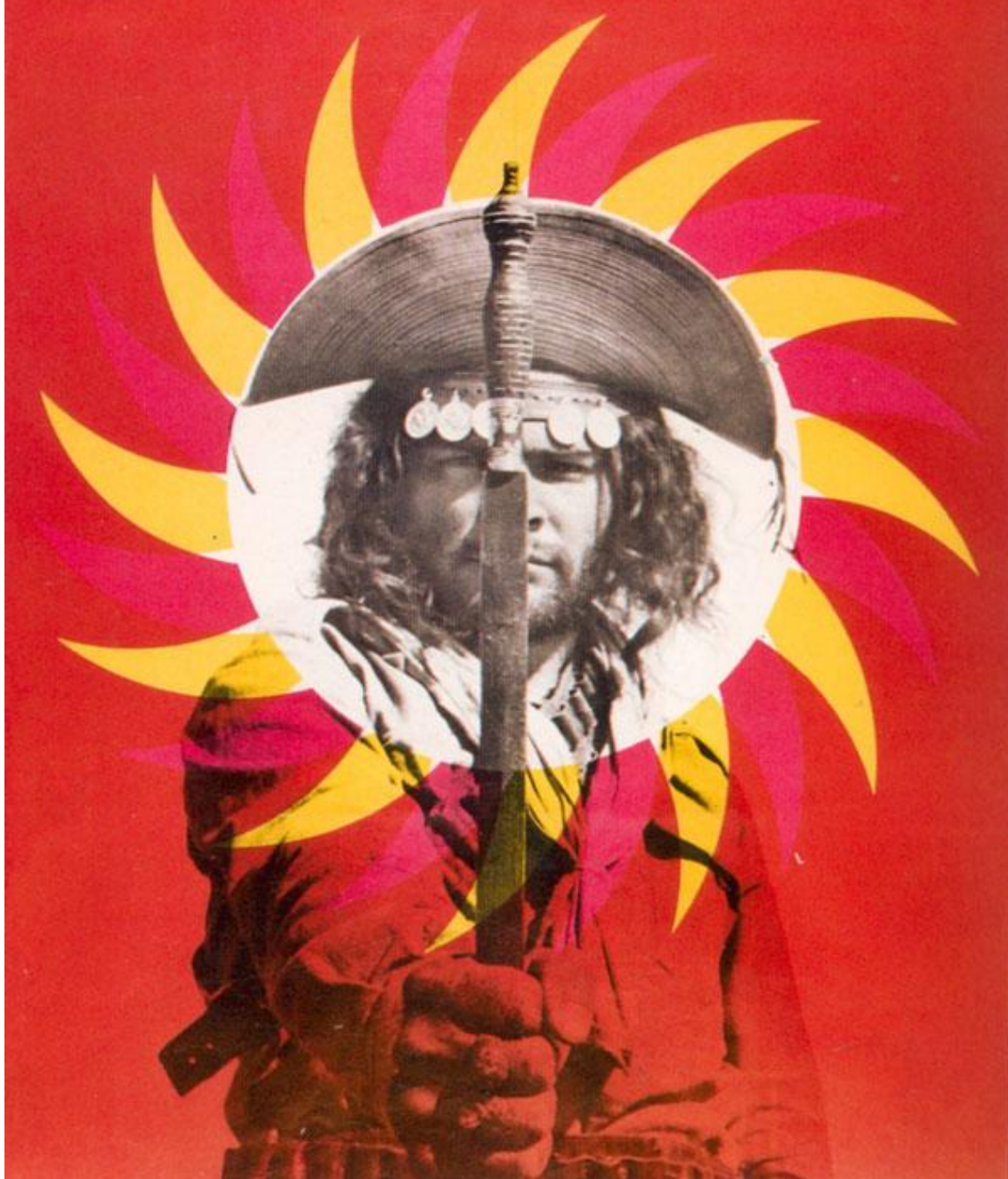


Imagem 2 . Deus e o Diabo na Terra do Sol, 1964, Rogério Duarte, Offset, 95X64cm



Imagem 3

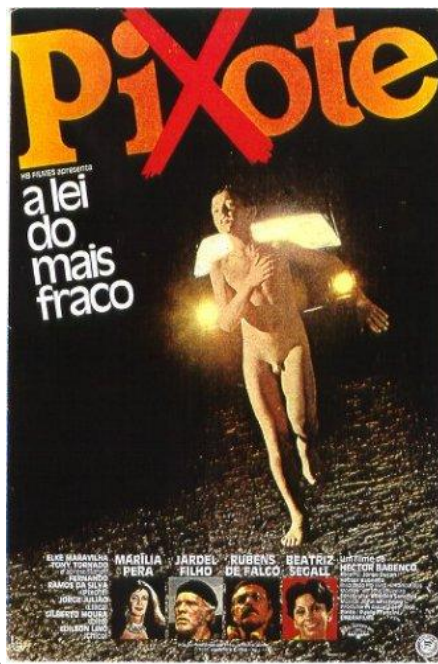


Imagem 4



Imagem5

Imagem 3. Bang Bang, 1971, Newton Lima, Offset, 92X62cm

Imagem 4. Pixote, a Lei do Mais, 1981 Fernando Pimenta e Antonio Jaime, Offset, 92 x 60 cm

Imagem 5. Tropa de Elite (Elite Squad), 2007 Sem assinatura, Offset, 93 x 62 cm

As experiências em mediação continuaram ao longo de 2010 com meu ingresso na Casa da Cultura da América Latina - CAL/DEX/UnB, no qual tive a oportunidade de participar de 02 (duas) exposições realizadas no Museu Nacional: “Os 24 degraus e Joan Miró” e “Hélio Oiticica: o Museu é o Mundo”. Ambas proporcionaram a noção de diversidade de público, não apenas pela localização do Museu, mas também por se tratar de patrimônio cultural arquitetônica em Brasília, por compreender sobre obra/artista no contexto curador/exposição e programa educativo.

Neste ambiente, o mediador tem de lidar não apenas com questões educativas, mas sociais que envolvem faixa etária e classes sociais no mesmo contexto, além de lidar com as questões estruturais e institucionais do espaço expositivo. Assim, no papel de mediador, o educador se coloca como uma peça importante no processo histórico e educacional onde sua presença é fundamental para o desenvolvimento cultural dos expectadores. Apesar de desvalorizada como profissão a figura do educador tem um status diferenciado quando ligado à produção cultural. Sua presença não está ligada a figura hierarquizada e estereotipada pelas mídias, mas a um facilitador.

3.1 Arte/Fatos

O projeto ‘Arte/Fatos: Narrativas da Cultura Visual na escola’ tem por objetivo debater questões referentes à construção da identidade por intermédio da Educação da Cultura Visual. Através de oficinas, no projeto, eram debatidas e criadas possibilidades de interligações de todas as artes: Visuais, Teatro e Música além de História, Sociologia, Linguagens e Tecnologia. Todas as questões eram abordadas de forma interdisciplinar, ligadas à interterritorialidade e ao universo artístico e imagético em que os educandos não tinham contato.

O projeto, sobre coordenação da Professora Mestre Rosana de Castro, era vinculado ao Prodocência¹. A temática selecionada foi o ‘Rádio – Conto’ onde se

¹ Prodocência é o Programa de Consolidação das Licenciaturas. É uma ação da Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) cuja finalidade é o fomento à inovação e à elevação da qualidade dos cursos de formação para o magistério da Educação Básica, na perspectiva de valorização da carreira docente.

trabalhava a voz, através de oficinas ligadas, principalmente, á questões de identidade, e foram realizadas entre agosto e novembro de 2012 no Centro Educacional 02 do Riacho Fundo I (Escola Vermelha) e entre março e junho de 2013, no Centro de Ensino Médio da Asa Norte (CEAN).O Projeto era aplicado e debatido em grupo, por alunos da universidade vinculados à licenciatura, graduandos de Artes Plásticas/Visuais e Artes Cênicas.

Todos os estímulos eram aplicados através de exemplos, com base nos textos sobre Cultura Visual e questões de gênero, alguns dos métodos eram trabalhados de forma prática baseado nos jogos teatrais de Augusto Boal, com conceitos e temáticas sociais relacionadas á Pedagogia do Oprimido.

“(...)aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e re fará.” (FREIRE, 2008, p.17)

Desta forma, posso analisar de forma mais geral e ampliada, que os jogos teatrais tem semelhança à Pedagogia do Oprimido escrita por Paulo Freire (2008) que se trata, basicamente, de transformar a postura do oprimido, no sentido que passe a ter senso crítico e posicionamentos diferentes diante do opressor. Seriam questões que, pensadas no espaço da Arte/Educação, de forma consciente, a Pedagogia do Oprimido relacionada à Cultura Visual, propõe aos educandos que não existe apenas uma possibilidade, mas várias, desde que sejam empregadas de forma concreta, no sentido em que se tornem mais ativos, e venham a ter senso crítico diante de situações opressoras.

Todas as oficinas eram cuidadosamente pensadas pelo grupo de forma a trabalhar questões que muitas vezes estavam no limiar de problemas sociais, aqueles interiorizados, nas quais a liberdade de expressá-la na escola ou em casa não existia. Não se tratava, no entanto, de uma análise social das situações, mas de saber posicionar-se diante delas, de visualidades, de reações, respeitando o espaço do outro e tendo argumentos e posicionamentos consistentes.

Muito das produções dos educandos estavam ligadas aos estereótipos midiáticos e consumistas recorrentes no dia-a-dia. Mas, o objetivo do projeto, portanto, da Educação através da Cultura Visual, tratava-se de processo e tinha por intuito a capacidade de transformar e incentivar os receptores passivos a se tornarem produtores ativos da cultura e a posicionar-se criticamente diante delas.

A pesar de se tratar de um projeto com estrutura definida, as questões ligadas a Educação pela Cultura Visual, e as oficinas e as tentativas propostas pelo grupo se estruturavam em caráter de experimentações.

3.2 - Projeto SOMA

Quando relaciono o Arte/Fatos, que possui uma estrutura definida, á outros projetos individuais, existem abordagens diferentes para uma mesma questão. O Projeto SOMA é um projeto idealizado pela Villa-Lobos Produções² que tem por intuito oferecer oficinas de Artesanato, Teatro, Dança e Artes Plásticas, além de palestras, trabalha com questões de identidade, gênero e principalmente a luta contra o bullying nas escolas.

Na última edição do projeto, realizada em outubro de 2013, tive a oportunidade de participar comoicineira de Artes Plásticas, lembrando que as questões abordadas no projeto tem certa semelhança com o Arte/Fatos, pontuando apenas uma diferença, no Projeto SOMA eu estaria sozinha e deveria elaborar atividades que abordassem todas as questões citadas anteriormente. O projeto foi dividido em duas etapas: primeiro, haveria dois dias de oficinas e palestras, e segundo, haveria uma apresentação com vários artistas e apresentação do coral dos alunos da escola e exposição da produção da oficina de Artes Plásticas, como finalização.

² Villa-Lobos Produções é uma equipe voltada para a Cultura em atividades amplas no setor de produção cultural, shows musicais, teatro, dança e cinema. Produção Artística (catering inclusive), produção local de artistas nacionais e locais. Elaboração e gestão de Projetos Culturais (leis de incentivo à cultura, editais etc.), produção de eventos em geral, produção, gravação e direção de DVDs e Vídeo Clipes. Além de fomentamos a cultura não somente na Capital Federal, mas em todo o País.

Realizado no Centro Educacional 01 de Planaltina (Centrão), nos dias 17, 18 e 19 de outubro, com alunos do ensino fundamental e médio. Nas oficinas, os alunos deveriam produzir o fundo de palco para o show do terceiro dia, que deveria relacionar-se ao tema do projeto. Além da produção individual para a exposição posterior na escola. Nas oficinas, basicamente, foram produzidos painéis com 3 temas diferentes de preconceitos que os alunos identificavam com mais frequência na escola: racismo, homofobia, sendo o terceiro uma mensagem de incentivo à paz. Todos pensados pelos alunos.

Então, se a produção era feita pelos educandos, qual o meu papel como educadora neste contexto? Além de identificar e ajudar no equilíbrio e composição da produção de imagens, minha função como educadora relacionava-se a incentivar e debater sobre o tema do projeto e identificar os motivos que levavam a violência nas escolas. Portanto a produção de imagens não seria apenas como um incentivo para mantê-los ocupados, mas também uma forma de refletir sobre si e sobre seu papel social dentro e fora da escola.

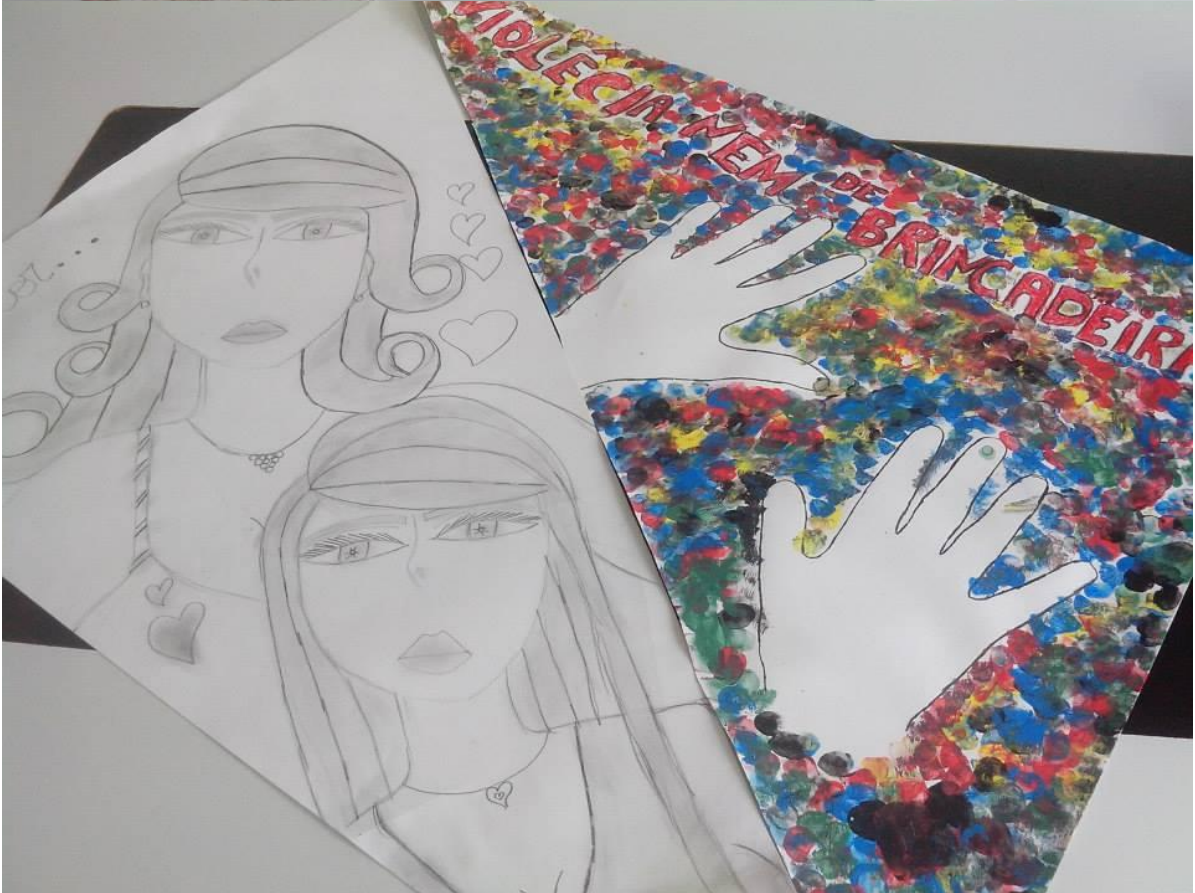
Os materiais eram simples e limitados. Muito semelhantes aos oferecidos pelo governo às escolas: guache, lápis de cor, giz de cera, tesoura, lápis, borracha e cartolina. A única diferença estava no tecido e tinta para tecido para a produção dos painéis. Portanto no procedimento, apesar de convencional, deveria inovar e incentivar de outras formas para a produção.

Nas oficinas, a produção visual, no entanto, eram reproduções de imagens recorrentes em campanhas governamentais e em temas comuns como o dia da consciência negra, em mensagens de amor ao próximo ligadas à religião e em estereótipos de personagens de novelas na televisão. Os estudantes reproduziam tais imagens pelo fato de serem mais acessíveis, mas não refletiam sobre elas.

Desta forma, utilizei-me dos exemplos de cartazes de cinema e de propagandas para incentivá-los a imaginar que tipo de mensagens eles gostariam passar para as pessoas, sejam através de imagens ou palavras. Além desses, o exemplo que mais motivou a produção foram dos cartazes utilizados nas manifestações ocorridas no Brasil e no mundo nos meses de junho e julho de 2013.

Resultado:









3.3 – Demais reflexões

Um dos fatores observados, em ambos os projetos é que não existe um espaço ou a prática em pensar sobre as imagens ou os clichês. Nas observações realizadas por Alexandre Pereira e Raimundo Martins (2009) no texto “Sintam-se felizes no seu ambiente escolar”, os autores observam que existe uma discrepância entre o lugar onde se vive e as Artes Visuais, ensinada nas escolas. Um fator que influencia algumas das escolhas imagéticas desses educandos é a recorrência de imagens em sua rotina as quais eles se identificavam mais.

Como aponta Martins:

“(…)as imagens apertam-nos, formam-nos e transpassa heterogeneamente subjetividades e identidades(…). Os significados tendem a mudar, mas ao mesmo tempo revelam uma dimensão do nosso pensamento coletivo e de nossas projeções, imaginárias e sociais.”(MARTINS, 2006, p.76)

Não se trata de um fator determinante, pois existem exceções, mas são condições metodológicas abordadas por muitos professores de arte nas escolas atualmente. Desta forma quando se contrapõe algumas questões tornando a aula mais dinâmica, as imagens cotidianas se tornam mais próximas do objeto de aprendizagem, pois estão centradas na vivência, e não o oposto. As condições impostas no ambiente de aprendizagem explicam algumas escolhas, ou mesmo o posicionamento diante de certas situações e da prática. Ignorar a influência externa é limitar as escolhas do educando, é ignorar o fato de que não existe subjetividade e que tudo é determinado pelo sistema.

A experiência é o contato com o mundo e as formas que o levam a melhor compreendê-lo. John Dewey (1974) considerava que a experiência ocorria continuamente e a interação do ser vivo com as condições que a rodeiam está implicada no próprio processo de vida, apesar de circunstâncias de conflito, de resistência e aspectos de elementos do próprio ser e do mundo no qual qualificam ideias e emoções que emergem como intenção consciente.

Portanto, contexto social, interligado com temáticas interterritoriais, trabalhadas de forma dinâmica, sem desconsiderar as vivências pessoais, pode construir o conhecimento de forma ampla. Pautados na Educação pela Cultura Visual, as redes de constituição cultural, social e principalmente a artística, se

interligam de forma que qualquer experiência, seja a do educando como a do educador, constrói e constitui a educação em arte.

De maneira geral, estas estruturações acompanham as mudanças sociais e históricas no campo artístico. Cabe ao arte/educador refletir sobre as questões que motivam as estruturas sociais e como devemos pensar sobre elas, ou criar meios que possibilitam as conexões em redes sociais e educacionais estarem presentes a nossa rotina diária.

Considerações finais

Busco em meu trabalho considerar que a forma de perceber a Arte/Educação é diversa e que podemos criar estratégias pessoais para pensar o caráter dialógico das estruturas de interterritorialidade e das abordagens pedagógicas em mediações culturais e oficinas. Aponto para a diluição de fronteiras entre as linguagens artística no campo ampliado e nas redes de comunicação que surgem ao aplicar elementos da Cultura Visual em questões educacionais e sociais

As imagens presentes nos meio de comunicação de massa influenciam a forma de pensar e agir do sujeito, mas também podem servir como motivadoras para uma análise crítica sobre sociedade. Portanto, o universo da Arte e Arte/Educação tem um papel fundamental para a construção de pensamento e de análise social. Ser educador, neste contexto, refere-se muito mais que a fazer pensar, mas a fazer pensar e agir de modo que rompam as barreiras entre o consumidor passivo e ativo, para surgir o sujeito crítico e formador de opinião.

Percebo, por meio das minhas experiências como educadora, mediadora e expectadora, que pude compreender que estruturalmente a educação se dá em vários âmbitos. A reflexão acerca de imagens e temas corriqueiros, propagados na mídia e na cultura dominante pode influenciar o modo de pensar e agir diante de situações de opressão e imposições do sistema.

Cabe a nós educadores pensar estratégias possíveis, e mesmo com materiais e ideias simples, podemos modificar os microuniversos e transformar as pessoas.

Referências Bibliográficas

ARNHEIM, R. Arte & Percepção Visual: uma Psicologia da visão criadora. 8. ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. Ana Mae Barbosa (org.). São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil. – 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. Texto publicado em: Revista Digital Art& - Número 0 - Outubro de 2003 - <http://www.revista.art.br/> - pesquisado em 17 de setembro de 2013 às 19:47.

BARBOSA, Ana Mae. Da interdisciplinaridade à interterritorialidade: caminhos ainda incertos. FUMEC: Belo Horizonte: 2010.

BORER, Alain. Joseph Beuys. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

BEUYS, Joseph. A revolução somos nós. In: FERREIRA, Glória e CONTRIM, Cecília (orgs.). Escritos de Artistas – Anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CALVERA, Anna. Arte¿?Diseño. Barcelona, Gustavo Gili, 2003.

DEWEY, John. Como Pensamos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DEWEY, John. Democracia e Educação. Introdução à Filosofia da Educação. 4ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1979.

DIAS, Belidson. O I/Mundo da Educação da Cultura Visual. Brasília: Editora da pós graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011.

ELIAS, Helena. VASCONCELLOS, Maria. Desmaterialização e Campo Expandido: dois conceitos para o Desenho Contemporâneo. Centro de Investigação em Comunicação Aplicada e Novas Tecnologias Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 47ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2008.

FROMM, Erich. Criatividade: múltiplas perspectivas. O que é criatividade. Eunice Soriano de Alencar; Denise de Souza Fleith (org). – 3ª ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

HERNÁNDEZ, Fernando. ¿De qué hablamos cuando hablamos de Cultura Visual? Educação e realidade: Mexico, 2005.

KRAUSS, Rosalind. Sculpture in the Expanded Field. Originalmente publicado no número 8 de October, na primavera de 1979 (31- 44), também apareceu em The Anti Aesthetic: Essays on PostModern Culture, Washington: Bay Press, 1984.

MALHEIROS, Ubraécio da Silva. Arte contemporânea e paisagem: para além do campo ampliado. 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis, 2007.

MARTINS, Raimundo. PEREIRA, Alexandre. Educação da Cultura Visual: Narrativas de ensino e pesquisa – Sintam-se felizes no nosso ambiente escolar. Irene Tourinho e Raimundo Martins (orgs.). – Santa Maria: Ed. UFSM, 2009.

MIRZOEFF, Nicholas. An Introduction to Visual Culture. London: Routledge, 2009.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

OSTROWER, Fayga. O Olhar. A Fenomenologia do olhar. Adauto Novaes (org.) – São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WATTS, Duncan J. Seis Graus da Superação: a evolução da ciência de redes em uma era conectada. Título Original: Six Degrees. Tr.: André Alonso Machado. São Paulo: Leopardo, 2009.

ZONNO, Fabiola do Valle. Campo Ampliado - Desafios à reflexão contemporânea – IV ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – IFCH / UNICAMP PUC-Rio, 2008.

Fotografias fonte: Equipe Villa-Lobos Produções.

Anexo - Galeria de Imagens Projeto SOMA







